

ENTRE A PERFORMATIVIDADE DA PALAVRA E DA ESCRITA: ARRANCAR A PELE DO MUNDO AO ESCREVER EM VERTIGEM

Bianca De-Zotti

Helene Sacco

Resumo: Este artigo discute o processo de criação da escrita em vertigem como possível contribuição para produções que partem da escrita e abordam a materialidade da palavra. Investigamos a escrita em vertigem e outros suportes possíveis para a palavra a partir de três trabalhos em que a leitura, voz, performatividade e escrita são interligadas pelo desejo de compartilhamento e pelo potencial da palavra de fundar um lugar, tempo e ritmo, ao realizar-se como ação no momento de sua expressão.

Palavras-chave: Escrita. Palavra. Leitura. Performance. Publicação.

BETWEEN THE PERFORMATIVITY OF WORDS AND WRITING: TEARING OFF THE SKIN OF THE WORLD WHILE WRITING IN VERTIGO

Abstract: This article discusses the creative process based on writing in vertigo as a possible contribution to productions that emerge from writing and address the materiality of the word. We investigate writing in vertigo and other possible supports for the word departing from three works in which the reading, voice, performativity and writing are intertwined by a desire of sharing and the potential of the word to establish a place, time and rhythm, as it becomes action in the moment of its expression.

Keywords: Writing. Word. Reading. Performance. Publication.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe abordar o processo de *escrever em vertigem* como uma maneira de olhar e entender o mundo através da palavra. Para isso, a escrita em vertigem é pensada como um gesto em desequilíbrio, que consiste em aceitar perder-se pelo caminho. Se o desvio é a vertigem, é possível, então, encontrar algo ao se perder? O que aprendemos nesse estado de vertigem? E, por fim, como esse estado de vertigem pode contribuir para as produções que nascem a partir dessa escrita e que abordam a materialidade da palavra?

O artigo está vinculado à pesquisa de mestrado, que se encontra em andamento, *A leitura e a escrita como formas de sobrevivência do lugar*, na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, ligada ao Grupo e Projeto de *Pesquisa Lugares-Livro* sob coordenação da Prof.^a Dra. Helene Gomes Sacco, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (PPGARTES/CA/UFPEL).

Assim, ao abordarmos o processo de criação a partir dessa *escrita em vertigem*, também discorreremos sobre as experiências geradas a partir das produções: *Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer* (2023), *Peles* (2024) e *PELEVESTÍGIO* (2025). Esses trabalhos percorrem a palavra e a escrita, o espaço das publicações, e realizam um movimento de ida e vinda entre a página e a voz, explorando também a oralidade. O deslocamento da página à voz torna-se, assim, uma forma de investigar outras possibilidades de suporte para a palavra além da página, pensando uma escrita performativa, em vertigem. As produções são interligadas pelo desejo de compartilhar a palavra através da voz, de experimentar uma forma de criação que acontece apenas em um momento único, em que as pessoas se reúnem com um objetivo comum: agrupar-se em torno da palavra para ouvi-la, assumindo uma posição de escuta, de abertura para o mundo e para o outro.

ESCREVER EM VERTIGEM

Conforme a escritora Elena Ferrante (2023), escrever é como remexer os túmulos de um cemitério infinito: nenhuma palavra é realmente nossa,



tudo tem uma longa história atrás de si e, por isso, a nossa escrita é uma apropriação de tudo aquilo que já foi escrito. Para a autora, escrever é acomodar-se em tudo o que já foi escrito e, dentro do limite da própria vertiginosa individualidade, tornar-se escrita. Por isso, Ferrante coloca como desafio como podemos aprender a usar com liberdade essa jaula da linguagem na qual estamos presas: Como é possível transgredir as margens dentro da escrita e usar as palavras com mais liberdade?

Ao escrever, tiramos o pó e arejamos as palavras, reinventamos o mundo através da palavra. Valère Novarina também reflete sobre a natureza da palavra, mas a partir da experiência da fala. Para o autor, falar é abrir a boca e atacar o mundo, é saber morder: “O mundo é por nós furado, revirado, mudado ao falar” (Novarina, 2002, p. 11). As palavras, para Novarina, são a verdadeira carne humana e uma espécie de corpo do pensamento: nossa carne física é a terra, mas nossa carne espiritual é a fala, ela é a matéria do nosso espírito. Assim, ao escrever, ler em voz alta, performar a palavra, trabalhar com a sua materialidade, percebo a palavra como uma forma de liberar as coisas da matéria morta, como propõe Novarina, ou resgatá-las do cemitério infinito da linguagem, conforme Ferrante.

Elena Ferrante (2023) identifica em seu processo criativo duas escritas: a escrita bem calibrada, equilibrada, bem enquadrada dentro da jaula, a escrita que a fez pensar que sabia escrever, e a escrita impetuosa, que ora irrompe, ora desaparece, ora parece vir de uma só pessoa, ora é uma multidão, ora é pequena, sussurrada, ora se agiganta e grita. Ela escreve à espera da verdadeira escrita, que, segundo a autora, não é um gesto elegante, estudado, mas um ato convulso, em que ela aceita não aquilo que serve, mas, justamente, a escrita que surge.

Assim, é necessário pensar sobre essa escrita desequilibrada e incontrolável como uma escrita em vertigem. A vertigem, conforme o seguinte trecho do livro *A insustentável leveza do ser*, não está relacionada ao medo de cair, mas com a atração pelo que está abaixo, o desejo da queda: “A vertigem não é o medo de cair, é outra coisa. É a voz do vazio embaixo de nós, que nos atrai e nos envolve, é o desejo da queda do qual logo nos defendemos aterrorizados” (Kundera, 1985, p. 58). A escrita em vertigem, então, é essa escrita que se atrai pelo que está fora da margem do papel e das linhas que aprisionam a palavra, é uma escrita que acessa

o lugar que dói, que evitamos adentrar. Uma escrita que se interessa pelo devaneio, pela repetição, por tudo aquilo que surge no ato de escrever. O formato bruto, que parece ter sido extraído diretamente dos nossos pensamentos, a maneira como arrastamos para fora o nosso *dentro* por meio da palavra escrita.

Em meus trabalhos, escrevo como uma maneira de olhar e entender o mundo através da palavra. Considero que escrevo em vertigem porque minha escrita não é planejada, mas desencadeada por outras vozes que surgem dentro de mim e ganham existência, materialidade, através da escrita. Para Larrosa (2014), escrevemos justamente para deixar de ser o que somos, liberar-nos de certas verdades:

Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo (Larrosa, 2014, p. 2).

Escrevo como quem caminha buscando uma direção, pretendendo distrair-se pelo caminho e encontrar algo essencial que antes desconhecia. Venho de mim e vou em direção aos lugares, na busca de encontrar uma forma de olhar o mundo que me ajude a arrancar a pele das coisas e conhecê-las mais intimamente. Nessa busca, me perco pelo caminho, o desvio é a vertigem, é a *verdadeira escrita* (Ferrante, 2023), é o que surge, uma escrita que se atrai pela queda (Kundera, 1985) e pelo desejo de revelar uma outra coisa diferente do que somos (Larrosa, 2014).

Nesse processo de criar sentido, de deslocar nossa voz para o papel, de posicionar as letras para formar palavras, e as palavras para formar frases, há sempre algo que se perde pelo caminho. Tenho a impressão de que, quando escrevo, há sempre coisas que ficam *por dizer*. Como um pacto silencioso que é firmado nos espaços em branco do papel, em um acordo silencioso de que as palavras não são absolutas, guardo algo que é só meu.

Nos trabalhos *Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer*, *Peles* e *PELEVESTÍGIO*, que serão apresentados no decorrer deste artigo, escrevo como uma maneira de olhar e entender o mundo através da



palavra. Penso em uma escrita porosa, que também é pele, que reveste e esconde as coisas não ditas, mas que também pode ser arrancada.

DO PAPEL À VOZ: COMO ARRANCAR A PELE DO MUNDO

A artista e educadora Daniela Mattos apresenta uma noção de escrita que se produz *epidermicamente*, uma escrita como pele, que faz do texto uma superfície cheia de poros. Essa escrita-pele é também um exercício performativo e experimental (Mattos, 2013). É uma escrita que “se faz no entre: é poesia, mas não é; é prosa, mas não é; é ficção, mas não é” (Mattos, 2013, p. 58).

costurar, coser com linha heterogênea, a pele do mundo à pele da escrita. perceber o que se passa na reação entre as peles, que unidas sem cuidado, se esgarçam e podem necrosar. perceber ainda, quando é necessário o uso da linha, ou apenas uma aproximação das superfícies, para que se colem uma à outra. [...] perder-se no labirinto da escrita, roçar em sua pele. cobrir-se com ela e entender o que está entre. não entender o que está entre, mas criar o que pode haver ali (Mattos, 2013, p. 43).

A escrita em vertigem é marcada pelo gesto de arrancar, desvelar, descobrir algo que está oculto. Uma escrita que é enfeitiçada pelo não dito, que deseja arrancar a pele das coisas para descobrir a outra camada, e a outra, e a outra, e a outra:

Uma linguagem sobrevivente, talvez, de nosso suposto domínio ou de nossa completa incapacidade para dominá-la. Uma linguagem cuja voz advém e deriva estritamente daquilo que nos acontece. Uma linguagem à flor da pele. Ou uma pele à flor da linguagem (Skliar, 2014, p. 12).

O trabalho *Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer* (Figura 1) parte do processo de investigação das aproximações entre escrita e performatividade. Consiste em um bloco de notas com 23 páginas de papel pólen que é ativado através de uma leitura em voz alta,

ao mesmo tempo que as folhas do bloco de notas são arrancadas uma a uma. No processo de criação desse trabalho meu objetivo era que o papel pudesse ser arrancado como uma espécie de pele, revelando uma outra camada por baixo.

A cada papel arrancado, arranco a pele das palavras, das coisas, do corpo, da casa, da cidade, o que há para ser descoberto? O que é essa camada debaixo da pele das coisas? Para Nuno Ramos, é apenas uma repetição monótona da superfície: “Comecei a arrancar a pele das coisas. Queria ver o que havia debaixo. [...] Por trás de cada pele, portanto, encontrei apenas formas degradadas da pele superficial” (Ramos, 1993, p. 29). Para que o gesto de arrancar o papel no momento da escrita fosse possível, desenvolvi a publicação no formato de um bloco de notas feito com cola branca. O formato 7 x 7 cm foi determinado de forma a aproveitar melhor o espaço de uma folha A4.

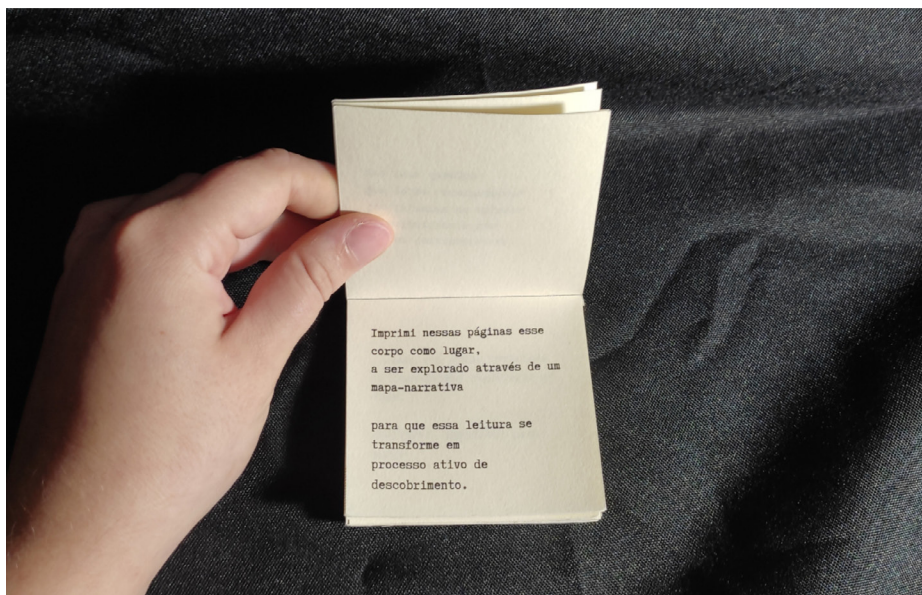


Figura 1. Bianca De-Zotti. *Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer*, 2023. Publicação, impressão em papel pólen, 7 x 7 cm, 23 p., edição da autora, tiragem de 10 exemplares. Pelotas/RS. Fotografia: Bianca De-Zotti. Fonte: Acervo da autora.



Considero que a palavra carrega em si uma potência muito particular, entretanto a voz a redimensiona: torna-se uma ação, pública e compartilhada. Endereçada ao outro, a palavra carrega sempre intencionalidade, nunca é neutra ou passiva. A palavra proferida é uma evocação, feitiço, chamado, ação e posicionamento. Conforme Leda Maria Martins (2021), a palavra é revestida pelo poder de manifestar, através do som, uma materialidade. Ela explica que, no contexto dos sistemas cognitivos africanos e afro-brasileiros, a palavra falada não apenas designa ou refere algo, mas evoca a coisa em si. A palavra, afirma Martins, é acontecimento, faz acontecer aquilo que libera em sua vibração, trazendo em si aquilo que evoca.

Ler o texto em voz alta ao mesmo tempo em que arranco as folhas do bloco de notas implica performar a escrita através de um gesto mínimo. Conforme Paul Zumthor, a performance designa um ato de comunicação e refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira imediata: “A performance é então um momento da recepção: momento privilegiado, em que um enunciado é realmente recebido” (Zumthor, 2014, p. 50). Nesse tipo de leitura, não é apenas o texto lido que é recebido pelo leitor/ouvinte, outros elementos compõem a cena de leitura: o corpo, o gesto, o tom da voz, a melodia das palavras, o ritmo da leitura, as pausas, silêncios, e até mesmo o que não é dito, que fica implícito, os sentidos que o leitor/ouvinte desenvolve em si mesmo.

Para Leda Maria Martins (2021), o gesto e os movimentos corporais revestem o corpo de ritmo e vocalidade, bordam visualmente a palavra no ar. A autora afirma que o gesto, como forma mínima, é de natureza performativa, instaura a própria performance:

No âmbito das oralituras, o gesto não é apenas uma representação mimética de um aparato simbólico, veiculado pela performance, mas institui e instaura a própria performance. Ou, ainda, o gesto não é apenas narrativo ou descritivo, mas, fundamentalmente, performativo. O gesto, como uma poiesis do movimento e como forma mínima, pode suscitar os sentidos mais plenos (Martins, 2021, p. 56).

A leitura do texto *Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer* foi realizada no dia 29 de novembro de 2023, no prédio do curso de graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). A leitura (Figura 2) fez parte da abertura da exposição coletiva *Limiar*, organizada pelo Diretório Acadêmico do curso de Artes.



Figura 2. Bianca De-Zotti. *Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer*, 2023. Performance. Abertura da exposição *Limiar*, Prédio das Artes Visuais (FURG), Rio Grande/RS. Fotografia: Leandro Castro. Fonte: Acervo da autora.

O ato de ler em voz alta teve como objetivo explorar não apenas o papel, mas também a voz como suporte do texto, projetar a escrita em movimento, “fazer ressoar em todo movimento um desenho da voz, um prisma de dicções, uma caligrafia rítmica, uma cadência” (Martins, 2021, p. 59). A leitura em voz alta, então, é um modo de compartilhamento da palavra através da voz, compreende uma outra forma de materializar o corpo da palavra, e a escrita como corpo: “É da escrita que parte a voz, e que voz é essa que deseja saltar do texto no papel? [...] Na leitura em voz alta, a voz que é corpo se direciona e toca o outro afetando-o” (Navarro, 2016, p. 39).

Para Lucila Pastorello (2010), a leitura em voz alta possui uma dimensão corporal, é uma modalidade de leitura em que diversos elementos jogam na produção de efeitos de sentido. A autora afirma que o gesto



de dar-se a ver e de ser ouvido marca a leitura como ato. Para Pastorello, a leitura em voz alta é um gesto de oferta que é endereçado ao outro.

Na leitura em voz alta, a situação presencial de leitores e ouvintes/leitores cria um espaço de enunciação diferenciado. Há uma cena de leitura em que o corpo leitor é visto e ouvido. Aquele que lê em voz alta está evidentemente na relação com o texto, mas também, endereça sua leitura ao outro, que o escuta. O leitor empenha seu corpo na produção do sentido do texto e na oferta ao outro. Ele se dá a ver e a escutar em sua relação com o texto. Tal prática implica a invocação do outro, o chamamento pela voz. Quem escuta está também em posição de leitura, na relação com o texto, mas também na relação com o leitor, como testemunha de sua subjetividade, como convocado a penetrar na intimidade da cena de leitura pelo olhar e pela escuta (Pastorello, 2010, p. 68).

A leitura performativa de um texto impõe um momento de presença que condiz com um tempo específico daquela leitura, uma vez que a escuta acompanha o ritmo daquele que lê. Por exemplo, na performance *Momento vital* (1979/2013), a artista Vera Chaves Barcellos está sentada atrás de uma mesa e folheia um livro, lendo em voz alta uma narração que trata sobre o momento presente daquela leitura. O texto escrito e lido por Vera Chaves Barcellos se encontra em um livro de artista que ela performa. A cada página virada pela artista, uma nova palavra soma-se à narrativa, desenvolvendo assim uma composição que marca o tempo e o ritmo da leitura. O texto lido é uma reafirmação não apenas do tempo presente, uma vez que reatualiza as palavras ao retomá-las e repetir o texto desde o início, a cada página lida, mas também da presença da artista enquanto lê, já que o texto narra o que ela está vendo e sentindo naquele momento. Além de destacar o momento presente da leitura, a performance nos convoca a uma atenção de sua leitura, palavra por palavra, página por página.

Ainda, além do tempo da escritura do texto, existe um outro tempo sendo tecido no momento da leitura, um tempo interno que acontece de forma diferente para cada um, “Pois o tempo da leitura não se reduz àquele em que viramos as páginas ou àquele em que ouvimos alguém ler em voz

alta. O devaneio e as lembranças de uma leitura fazem parte dela” (Petit, 2019, p. 50). Dessa forma, a leitura em voz alta também conta com uma escuta em suspensão. Esse tempo interno da escuta implica um desvendamento de sentidos, nos coloca em um estado de abertura e de recepção, que articula o dito e o não dito, as coisas que ficaram por dizer. A escuta da voz nos conduz a um reconhecimento do outro, que pode ser experienciado tanto pela pessoa que lê quanto pela pessoa que escuta, uma vez que ambas estão em uma relação de interlocução, de troca. Essa troca não acontece apenas através da palavra, mas também através da linguagem do corpo e da voz. A voz, conforme Pastorello (2010), é um corpo que se lança no espaço em direção ao outro, é um transbordamento do corpo que chega ao outro mesmo à distância.

Já na performance *Quando o corpo acontece* (2014), de Luana Navarro, a artista lê um texto que possui tom pessoal e intimista, e que perpassa questões biográficas ao mesclar relatos e ficções. No meio da leitura, ela distribui um pacote de balas ao público. A pausa no discurso realizada no momento da distribuição das balas intensifica a noção de tempo, pois o processo de comer as balas em silêncio coletivamente simboliza o compartilhamento daquele tempo.

Para a artista (2016), realizar uma leitura em voz alta é provocar e deslocar imagens do corpo em um processo acentuado na condição presencial e de ocupação do espaço que acontece pela reverberação da voz. Conforme Navarro (2016), a leitura em voz alta e ao vivo pode construir a sensação de uma ação contínua, o *aqui e agora* é construído como um espaço para acontecimento do trabalho. Em ações ao vivo, a leitura conduz a instauração de uma passagem do tempo, propõe o ritmo desta passagem, o tempo escorre diante do outro. Segundo a artista (2016), é fundamental assumir o tempo presente como condição de acontecimento do trabalho.

Ainda pensando a pele como metáfora, desenvolvi, em conjunto com a artista Livia Lempek, uma performance intitulada *PELEVESTÍGIO* (2025), que foi apresentada na Mostra de Performance *CorpoEmAção*, organizada pelo Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), que ocorreu no dia 24 de janeiro de 2025, no Prédio do Curso de Artes Visuais, Campus Carreiros, FURG.



Além do gesto, a performance *PELEVESTÍGIO* (Figura 3) pensa também os movimentos do corpo e o uso da palavra como formas de desvelamento das camadas que se ocultam sob a superfície. O trabalho lança inquietações do que pode haver entre o vão de dois olhares, questionando como no contato entre as peles algo se cria, assumindo a pele como metáfora para o reencontro de si, como uma capacidade de regenerar, reconstruir, transformar, tornar-se no mundo.



Figura 3. Bianca De-Zotti, Livia Lempek. *PELEVESTÍGIO*, 2025. Performance. Mostra de performance *CorpoEmAção*, Prédio das Artes Visuais (FURG), Rio Grande/RS.
Fotografia: Pâmela Rodrigues. Fonte: Acervo da autora.

Para a realização dessa performance, escrevemos em conjunto um texto poético que circunda a ideia de escrita como pele e que pensa as relações entre corpo e lugar, entre o Eu e do Outro, e realizamos a gravação da leitura em voz alta desse texto, cada uma imprimindo seu tom de voz, seu corpo, sua presença. Durante o processo de edição dessa gravação, experimentamos recursos de repetição e sobreposição das vozes. No dia da performance, antes da apresentação, passamos cola branca em todo o corpo e, assim, formou-se uma camada fina e transparente sobre a nossa pele.



Figura 4. Bianca De-Zotti, Livia Lempek. *PELEVESTÍGIO*, 2025. Performance. Mostra de performance *CorpoEmAção*, Prédio das Artes Visuais (FURG), Rio Grande/RS.

Fotografia: Pâmela Rodrigues. Fonte: Acervo da autora.

A performance foi pensada como uma experimentação relacionada aos movimentos dos dois corpos em contato. No primeiro momento da performance, ambas se encontram no chão, de costas, movimentando-se sem descolar uma da outra. No segundo momento, de pé e frente a frente, ambas se encaram e espelham os movimentos uma da outra. Em seguida, em direção ao público, passamos a arrancar a camada de





Figura 5. Bianca De-Zotti, Livia Lempek. *PELEVESTÍGIO*, 2025. Performance. Mostra de performance *CorpoEmAção*, Prédio das Artes Visuais (FURG), Rio Grande/RS. Fotografia: Pâmela Rodrigues. Fonte: Acervo da autora.

cola que se formou, como se estivéssemos arrancando as nossas peles (Figura 4). Esse gesto de arrancar, trocar de pele, remete à renovação, à libertação da matéria morta, o desejo de abrir espaço para que algo novo possa surgir. A ação do corpo, nesse contexto, também torna-se uma espécie de fala.

Portanto, *PELEVESTÍGIO* (Figura 5) tornou-se um convite para se colocar na pele de outra pessoa e reconhecer no outro tudo aquilo que nos encanta, nos assombra, intimida, que pertence a todos. Assim, o tempo e espaço compartilhados da performance são capazes de conec-

tar o Eu com o Outro, nos arrancando de um estado de suspensão e nos recolocando em uma outra ordem, uma invocação do tempo presente em sua mais absoluta forma. A leitura e a escrita, em meus processos de criação, estão sempre em relação com o Outro. Nesse movimento de escrita que busca entender outros olhares, o meu próprio olhar se mistura e se confunde no processo.

Ao arrancar as peles diante do público, as palavras tornam-se testemunha desse gesto de despir, revelar algo que está oculto. As palavras são a única âncora naquele espaço: com elas iniciamos e com elas finalizamos. É através da temporalidade criada pela gravação da nossa voz que a performance ganha um corpo, uma materialidade, um início, meio e fim.

A fala avança no escuro. O espaço não se estende, mas se escuta. Pela fala, a matéria está aberta, crivada de palavras; o real ali se desdobra. O espaço não é o lugar dos corpos; ele não nos serve de apoio. A linguagem o carrega agora diante de nós e em nós, visível e oferecido, tenso, apresentado, aberto pelo drama do tempo no qual estamos com ele suspensos. O que há de mais bonito na linguagem é que passamos com ela. Tudo isso não é dito pelas ciências comunicativas, mas nós sabemos muito bem disso com nossas mãos na noite: que a linguagem é o lugar do aparecimento do espaço (Novarina, 2002, p.12).

Dessa forma, o espaço da performance se desdobra a partir do som da gravação daquele texto sendo lido em voz alta. Através da palavra, funda-se um tempo, um ritmo, um espaço. Ao tornar-se silêncio, retornamos uma para a outra em queda, em vertigem: caímos juntas, derretendo, tornando-nos uma só. A sobrevivência da ação dura nas poucas imagens e lembranças daquele momento, experiência única que não resgatamos, só podemos vivenciar como outra.

O trabalho *Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer* (2023) também teve como desdobramento a criação de outra publicação, intitulada *Peles* (2024) que, por sua vez, foi concretizada durante o contexto das enchentes no Rio Grande do Sul e se volta às questões da memória, da perda, da passagem do tempo e da fragilidade dos nossos espaços.

A publicação *Peles* (Figura 6) foi desenvolvida com a consciência latente dessa fragilidade e dessa vulnerabilidade, em um contexto em que nada mais parecia fazer sentido diante da catástrofe. Existimos



sob a ameaça irrevogável da duração das coisas e da fragilidade do mundo que, ao ter sua casca levantada, é completamente transformado. As cascas que nos protegem da completa dispersão, do completo esquecimento, são tão frágeis... são facilmente rasgadas e arrancadas. As águas sobem e, de repente, temos que deixar para trás aquele lugar que reunia em um só espaço, em um só tempo, a nossa vida inteira. E, de alguma forma, é preciso continuar porque o mundo continua existindo e chamando a nossa presença.

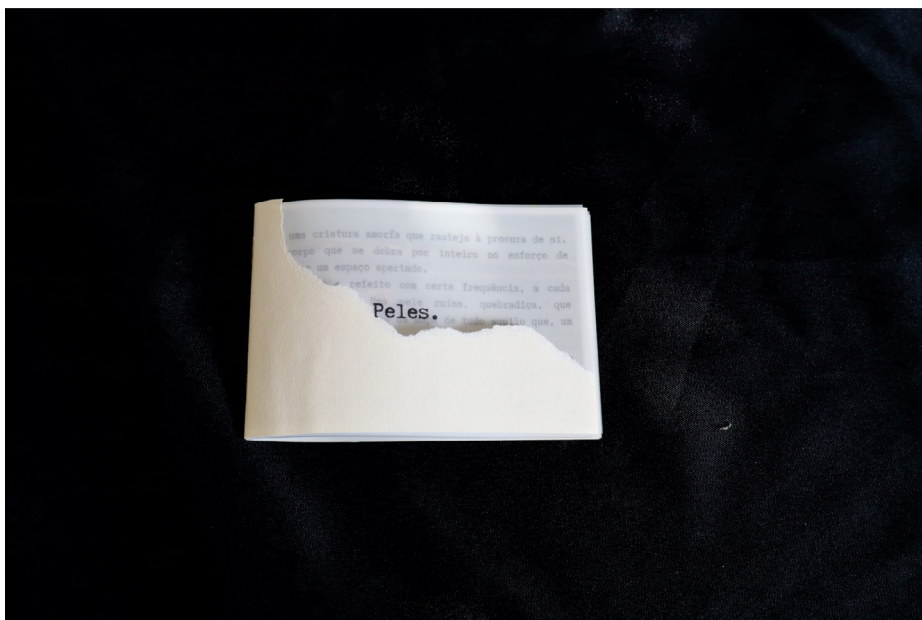
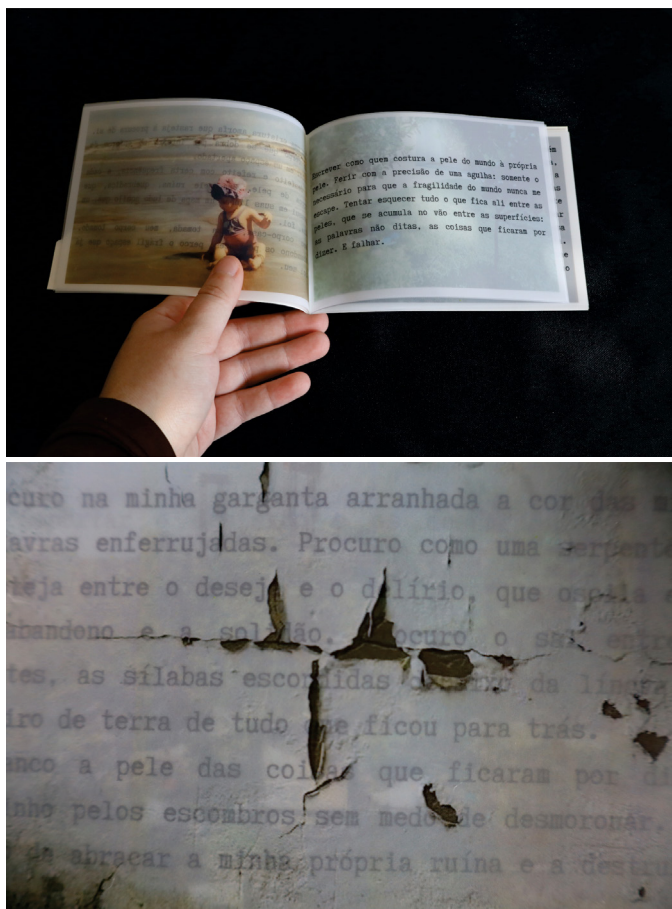


Figura 6. Bianca De-Zotti. *Peles*, 2024. Publicação, impressão em papel poliéster, 10,5 x 15 cm, 9 p., edição da autora, tiragem de 2 exemplares. Pelotas/RS. Fotografia: Bianca De-Zotti.
Fonte: Acervo da autora.

Penso, então, novamente na pele como metáfora, pois apesar de parecer uma camada frágil, que pode ser facilmente rasgada, tem a capacidade de se regenerar. Uma ferida, após ser costurada, cicatriza em alguns dias. Considero a metáfora da pele como uma capacidade de resiliência que todos nós temos para suportar os acontecimentos da vida e de reencontrar, refazer, reconstruir. Seguir.

A escolha do material desta publicação também está relacionada à ideia de pele, tanto pela transparência do papel poliéster quanto pela sua fragilidade (Figuras 7 e 8). Portanto, utilizo a pele como metáfora para uma escrita que investiga aquilo que está escondido, as coisas não ditas. Retomo, aqui, a escrita em vertigem, que acessa o lugar que dói e que evitamos adentrar. Uma escrita que, apesar da tentativa de controle, surge a partir daquilo que nos afeta no mundo, e não daquilo que esperamos que ela seja.



Figuras 7 e 8. Bianca De-Zotti. *Peles*, 2024. Publicação, impressão em papel poliéster, 10,5 x 15 cm, 9 p., edição da autora, tiragem de 2 exemplares, Pelotas/RS. Fotografia: Bianca De-Zotti.
Fonte: Acervo da autora.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções apresentadas se encontram interligadas pelo desejo de compartilhamento da palavra, de experimentar uma forma de criação que acontece apenas naquele momento único, naquele aqui e agora. Ao mesmo tempo, também dialogam através das relações entre corpo e lugar, mundo interior e exterior, pensando os modos de habitar os lugares e como a palavra nos oferece outras formas possíveis de imaginar o mundo ao nosso redor.

O processo de criação das produções parte do texto, de um estado de vertigem que invade a escrita e que contribui para que esse processo possa, sempre, ser revisitado, transformado, derrubado, recriado. Um estado de suspensão que, a cada novo olhar, é revisitado. E, a partir desse processo de escrever, reescrever, criar, destruir, arrancar a pele das palavras e costurá-las novamente, como quem costura a pele do mundo à própria pele... me percebo sempre em estado de fabricação de mim mesma. Me percebo sempre Outra. Escrevo, inevitavelmente, a partir de mim, mas também estou sempre em busca de ser, ou tornar-me, uma personagem de mim mesma, (re)inventar a vida real: escorregar entre o real e a ficção. Escrever em vertigem é escrever sem medo da queda (secretamente desejá-la), abraçar o desequilíbrio, e acolher o encontro com o que surge, mesmo que esse encontro seja também uma perda de si.

Portanto, as produções discutidas neste artigo se encontram no âmbito da persistência dos pequenos gestos, da ação mínima. Performar a palavra, escrever em vertigem, ler, escutar, são ações que compõem um desejo de transformação, uma proposta de alteração na forma de olhar o mundo que nasce de maneira despretensiosa. Por fim, reitero que as palavras carregam a potência de criação, de aproximação com o outro, de troca e diálogo, de construção coletiva sobre o mundo.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Vera Chaves. **Momento Vital**. Performance, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dnl_VJp4zFY&ab_channel=verachavesbarcellos. Acesso em: 25 jun. 2024.

FERRANTE, Elena. **As margens e o ditado**: sobre os prazeres de ler e escrever. Tradução: Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Tradução: Tereza Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LARROSA, Jorge. Apresentação da coleção. In: SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MATTOS, Daniela de Oliveira. **Performance como texto, escrita como pele**. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Clínica, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15287/1/Daniela%20de%20Oliveira%20Mattos.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.

NAVARRO, Luana Assis. **Quando o corpo acontece**. Performance, 2014. Disponível em: <https://youtu.be/uQdNtV6ziS4>. Acesso em: 25 jun. 2024.

NAVARRO, Luana Assis. **Quando o corpo acontece**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000021/00002126.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.

NOVARINA, Valère. **Diante da palavra**. Tradução: Ângela Leite Lopes. Folhetim Teatro do Pequeno Gesto, Rio de Janeiro, v. 15, p. 9-21, out.-dez. 2002. Disponível em: <https://livrethos.files.wordpress.com/2013/06/folhetim15.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.



PASTORELLO, Lucila Maria. **Leitura em voz alta e apropriação da linguagem escrita pela criança**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.48.2010.tde-20042010-154846>. Acesso em: 25 jun. 2024.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. Tradução: Julia Vidile. São Paulo: 34, 2019.

RAMOS, Nuno. **Cujo**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

ZUMTHOR, PAUL. **Performance, recepção, leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Bianca De-Zotti é mestranda em Artes, na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, no PPGArtes/UFPEL. Licenciada em Letras na Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Email: biancadezotti26@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1131-4367>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5317953524790457>

Helene Sacco é professora e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Doutora (2014) e mestre (2009) em Artes Visuais, na linha de pesquisa em Poéticas Visuais no PPGAV/UFRGS.

Email: sacco.h@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9645-3409>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7729369777149419>

Artigo recebido em 14.03.2025. Aceito em 06.05.2025.

